

# Invasão desmontada

Fabíola Góis  
Da equipe do Correio

**O**s sem-teto de Ceilândia não se intimidaram com as operações de remoção organizadas pelo Serviço de Vigilância do Solo (Siv-Solo) e insistem em permanecer nas proximidades da Câmara Legislativa do Distrito Federal. No começo da tarde de ontem, quatro horas depois de terem os barracos de lona destruídos na área ao longo da Estrada Parque Indústria e Abastecimento (EPIA), próximo à Água Mineral, cerca de cem invasores resolveram pressionar os deputados e fizeram um protesto em frente à Câmara.

Comandadas por Elton Barbosa da Silva, líder do Movimento dos Sem-Teto da Ceilândia e funcionário da Câmara Legislativa, dezenas de famílias ocuparam há quatro meses o terreno em frente à Casa. A intenção era pressionar o governador Joaquim Roriz para cumprir a promessa de entregar lotes às famílias carentes de Ceilândia. Sábado, o Siv-Solo removeu a invasão. Mas metade dos acampados invadiu a EPIA, a um quilômetro da Câmara.

Para remover o acampamento da EPIA, ontem, foram mobilizadas 140 pessoas. A equipe incluiu comissários de menores, bombeiros, agentes do Detran e funcionários do Centro de Desenvolvimento Social. Metade eram policiais militares da Companhia Florestal. Segundo o major Cléber Lacerda, gerente de Vigilância do Siv-Solo, havia 170 barracos de lona no local.

Funcionários da Novacap e da Administração de Brasília pediram que as famílias tirassem os pertences do local. Quem resistia, tinha os objetos recolhidos e colocados em um dos dez caminhões preparados para levar os acampados aos locais de origem.

A remoção começou na hora do café da manhã dos invasores. "Muitas crianças ficaram sem lanchar", reclamava a vendedora Rosilda Barbosa, 22 anos, cozinheira da cozinha comunitária montada no acampamento. O fogão e o gás foram apreendidos e levados para um galpão da Administração de Brasília. "Isso é roubo. A gente ganhou o fogão e estão tirando de nós", gritava Rosilda.

Cerca de uma hora após o início da retirada, Elton Barbosa apareceu e ordenou que ninguém fosse embora. Os ânimos ficaram exaltados. Dezenas de famílias seguiram em direção à via EPIA e, por cinco minutos, impediram a passagem dos veículos. Os policiais militares fizeram um cordão de isolamento e pediram que as famílias saíssem. Não houve resistência.

Carlos Vieira



FAMÍLIAS DE INVASORES DEIXAM A EPIA: COMISSÁRIOS DE MENORES E BOMBEIROS AJUDARAM A EQUIPE DE POLICIAIS A DESMONTAR O ACAMPAMENTO

## Sem-teto cobram lotes

A microempresária Elza Cordeiro da Silva, 54 anos, chorou quando destruíram o barraco dela na EPIA e protestou contra a política de distribuição de lotes do governo. "Tenho inscrição no IDHAB (Instituto de Desenvolvimento Habitacional de Brasília) há 20 anos. Acho uma injustiça nunca ter ganhado um lote", reclamou.

A indignação de Elza era maior com o governador Joaquim Roriz.

"Ele disse que se não tivesse lote pra todo mundo ia colocar a gente no quintal dele. E agora? Ele já esqueceu o que falou?", repetia, inconsolável.

Até o final da tarde de ontem, um grupo com cerca de 30 invasores permanecia em frente à Câmara Legislativa, apesar da chuva fina que caiu durante boa parte do tempo. Reclamando estar sem roupas nem documentos, levados durante a retirada dos barra-

cos na parte da manhã, eles prometiam não sair do local até ser atendidos. O grupo de sem-teto exigia a devolução dos pertences e insistia em uma resposta sobre a doação dos lotes.

O líder dos invasores, Elton Barbosa, reclamou que a Administração de Brasília estava praticando abuso de autoridade ao levar os objetos e chegou a discutir com a chefe da Fiscalização, Helena Amano. "O Código

de Posturas é claro. Todo material que não tiver autorização para estar em área pública deve ser removido", explicou Helena. Lonas, colchões e madeiras velhas vão para o lixo. Os demais objetos ficam no galpão.

O presidente da Câmara Legislativa, Gim Argello (PMDB), garantiu que não vai permitir uma nova invasão na área. "Se eles acamparem, mandarei retirá-los imediatamente", adiantou.